



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclel Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefona, 737)

A GUERRA!

Desencadeou-se sobre a Europa um ciclone apocalíptico de ferro e fogo. Sua Majestade a Morte vai ser bem servida pelos seus melhores tributários: a Fome, a Peste e a Guerra. Soltaram-se os tigres: vão banquetear-se os corvos e as hienas. Os pastores, cúpidos conduzem os rebanhos ao matadouro.

E dizia-se que a indústria é inimiga da guerra!

Assim seria, com efeito, se não se tratasse da indústria capitalista; se os meios de produzir fossem comuns, estivessem á disposição de todos; se não existissem fronteiras nem Estados; se se produzisse para satisfazer as necessidades de cada um, não para dar riqueza e poder a uma minoria que de tudo dispõe.

Mas entre a indústria capitalista e a guerra não ha contradição alguma: antes pelo contrario.

A humanidade acha-se dividida em duas classes principais: a dos que tudo possuem e governam, dispondo dos homens por meio da detenção das coisas indispensáveis ou por meio da coacção directa; e a dos que, privados da terra e dos instrumentos de trabalho, estão naturalmente sujeitos aos detentores da riqueza e do poder.

Além d'esse antagonismo fundamental, existem—derivadas da mesma fonte, a Propriedade privada e o Estado—outras rivalidades entrelaçadas, de uma classe para outra, ou dentro de cada classe, aqui em torno do ouro e do domínio, ali em volta dum modesto ganha-pão; aqui entre cubiceiros do mando e da opulência, ali entre pobres concorrentes, espicaçados pela miséria.

A divisão em Estados, então, com a sua embrutecedora e traiçoeira religião patriótica, com o seu gendarme e o seu monstro militarista, ao mesmo tempo que origina novos ódios e disputas, serve para manter esse absurdo sistema de privilégios e de exploração.

Eis aqui um grande e rico país cuja produção agrícola e manufactureira poderia satisfazer amplamente as necessidades da sua população. Mas esta população, que vive do seu magro salário, não pôde com elle re adquirir o que produziu. E' preciso, pois, exportar—mesmo o que faz falta no lugar de produção: é nisso que está o ganho. E' esse o principal segredo do comércio e do enriquecimento duma minoria, á custa da privação geral. Se não há mercados para a exportação—embora

haja no interior superabundância de necessidades a satisfazer—restringe-se a produção, fecham-se as fábricas, enchem-se as ruas de desocupados e famintos—cresce a miséria por haver... produtos em demasia! Se tudo fosse de todos, essa abundância seria uma bênção. Medir-se-iam as necessidades reais da população, tratando a comunidade de produzir o suficiente para as satisfazer. Mas, em regime capitalista, não se tem em mira as necessidades de todos, mas sim o interesse, o ganho dos detentores e directores da riqueza: a abundância traz a baixa de preços e a abolição dos lucros...

Por isso são tam disputados os mercados e os caminhos de ferro—origem de tantos conflitos.

Entretanto, uma guerra é uma aventura perigosa, pondo em risco poderosos interesses. Seria, pois, modernamente evitável, mesmo independentemente dos esforços proletários, se não houvesse uma categoria especial de interessados no estado de guerra declarado ou latente: os construtores de couraçados e material de guerra, os fornecedores do exército, o militarismo profissional. Amontoam-se armas e soldados, cria-se um espírito agressivo e provocador, convence-se a massa, por meio da grande imprensa, da iminência da guerra e da invasão, fomentam-se ambições e paixões guerreiras. No fundo, o que se pretende são encomendas e boas colocações. Mas vem um dia em que se inflamam os explosivos acumulados e em que triunfam os interesses de carne e de pilhagem. Ha dezenas de anos que a Europa corre desesperadamente para o abismo.

Que resultará desta colossal guerra? Um longo eclipse da civilização? O desaparecimento das magras liberdades conquistadas? O recuo do ideal socialista e libertário e da organização operária? A revolução?

Angustioso problema!
No principio, a multidão falsamente educada, vilmente ludibriada, está toda entregue ás paixões brutais, á embriaguez guerreira, á loucura nacionalista—essa loucura de que o insigne Jaurés foi a primeira vítima illustre. Mas com os efeitos da guerra virá talvez a reflexão—e a revolta. Não talvez com as vastas finalidades da revolução social, levada a cabo com maior desenvolvimento de força e de consciência, mas rasgando em todo caso novos horizontes e novas possibilidades.

salvam as indústrias das peles, dos chapéus, do açúcar, dos alcoóis, etc.

Tudo isso produziu um enorme pioramento do mercado do trabalho, havendo, segundo as estatísticas officiaes, uma grande desocupação, tanto entre os rurais, como entre os jornaleiros e os operários qualificados de numerosas indústrias e profissões. Com a desocupação veio naturalmente a baixa dos salários, em regra indirecta, isto é, por meio da redução de horas pagas, de mudanças na organização do trabalho, do eliminação de ganhos suplementares, etc.. Só em Milão, há cerca de 30 mil desocupados!

A emigração atinge cifras fabulosas. A pátria «maior» depois de tomada a Tripolitânia expulsa cada vez mais do seu seio os seus filhos, para os quais ella não tem páo nem trabalho. Em 1913, os emigrantes atingiram a cifra de 428.484; e naturalmente não se conta a emigração clandestina, nem

a que é muito temporária. «Esta emigração», escreve Cabiati, não tem precedentes. Apresenta um aumento de mais da 100% sobre a emigração de 1911 e de 46% sobre a de 1912». Quanto aos repatriamentos, baixaram a menos de metade!

E os militaristas e patrioteiros cantavam as glórias e vantagens da conquista de Trípoli—com tanto maior entusiasmo quanto mais certos estavam de ficar em casa!

O povo, ludibriado, inflamou-se a principio; mas, apesar da vitória, veio a terrível desilusão, e a monarquia, que contava com uma recrudescência de militarismo e de ideias conservadoras, teve o movimento de junho e a situação revolucionária que ainda dura...

Aviso á repugnante corja monárquica de Lisboa, que bate palmas canibalescamente á conflagração europeia, saudando-a desde já como uma vitória das ideias conservadoras, seja qual for o resultado da luta. Talvez o tiro lhe saia pela culatra...

E bem possível que a guerra monstruosa não seja a bancarrota da Revolução Francesa, com esses chacais reguagam, mas a falência do imperialismo e do capitalismo que o gerou.

O eco da afronta

Seja o eco duma afronta
O sinal do ressurgir...

Conhecem estes dois versos, não é verdade?

São da Portuguesa, o «hino nacional» depois da República.

E sabem o que elles significam? Sabem que afronta é aquella?

Aquella afronta é o ultimatum da Inglaterra a Portugal, em 11 de janeiro de 1890. Toda a Portuguesa é um hino patriótico contra a Inglaterra e teve origem no ultimatum.

Pois é ao som da Portuguesa que hoje se celebra a aliança inglesa e se aclama a guerra em favor da aliada—contra a qual Junqueiro forjou tam candentes versos...

As vicissitudes do patriotismo...

Notas Rubras

A proposito duma exploração

Aproveitando o ensejo dessa fratricida luta em que presentemente quasi se encontra envolvida toda a Europa, mercê de interesses financeiros—comerciaes e odios de raças, varios tendeiros, sem a minima atenção pela indigente miséria em que uma grande parte da classe trabalhadora vive, tem posto em acção toda a sordidez das suas negras almas, elevando desalmadamente o preço dos generos de primeira necessidade.

De toda essa cáfila de sovins criaturas a que maior preponderancia tomou nestes honestos feitos é inegavel que foi essa torpe figura—o mercieiro. Mesquinho e egoísta, o mercieiro—com algumas excepções, é natural—não atenta, nestes dificeis lances, na vida miseravel do povo. Mas não será de sacertado que esses figurões tomem um pouco de cuidado ao pôrem em pratica as suas ignobels explorações.

Em Lisboa e Setubal já os trabalhadores, cansados de tanta exploração, entraram em alguns estabelecimentos onde o aumento de preços foi mais atrevido e apoderaram-se do que necessitavam.

E foi mais que logica esta forma de proceder.

Para desgraça da enorme legião dos produtores bemlhe basta a exorbitancia do actual custo de tudo o que lhe é indispensavel para viver.

Não se brinca impunemente com a miséria do povo.

E bom será que assim suceda de todas as vezes que se ponham em exercicio delapidações identicas.

C. Rodrigues.

Ao Proletariado e á Burguesia

Serenamente:

Está desencadeada a temerosa tempestade—a guerra europeia. Produziu se finalmente o temível choque de interesses económicos e políticos rivais, choque que vai abalar o mundo de forma tal, que os mais perspicazes e sabedores se não atrevem a conjecturar até onde irão as consequências do abalo. Vamos assitir mais uma vez, e em proporções gigantescas, ao desenrolar de carnificinas e devastações de toda a especie, com o seu cortejo de luto, de lagrimas e de ruina nos lares. A todos os paizes ha-de chegar uma parcela maior ou menor da catástrofe; em toda a parte as dificuldades para uns e a miséria para outros, serão, pelo menos, as consequências a sofrer. Mas estes resultados são fataes; nada os poderá já evitar e inuteis são as lamentações neste momento sobre os horrores da guerra. Não vimos por isso lamentar as vidas perdidas, as povoações postas a saque, os massacres e os incendios, nem mesmo mostrar indignação—egualmente inutil—contra os causadores de tão tremenda conflagração. Deixemos essas manifestações de piedade e de revolta para os que só agora, em face da terrível realidade, presentem as desastrosas consequências do conflito.

«Esta guerra é um crime e são grandes criminosos os que a provocaram» ouve-se dizer constantemente. «E quem praticou o crime, foi a sociedade capitalista», acrescentamos nós.

Esta guerra é a resultante logica, a consequencia inevitavel do regimen burgues.

Era fatal! A febre dos armamentos, levados a cabo em nome do capcioso argumento de que quem quer a paz prepara-se para a guerra, havia de conduzir ou ao conflito armado ou ao desarmamento mutuamente consentido. Mas a esta ultima solução opunha-se a ganancia capitalista, insaciavel do ouro que lhe era fornecido pelos exercitos e armadas em constante aumento e renovação. Ao desarmamento opunham-se os grandes financeiros, os construtores de barcos de guerra, os fabricantes de armas, os fornecedores de víveres, de uniformes e materiais de construção, etc., ligados por um interesse comum, amontoando fortunas ou vivendo largamente da paz armada, gosando de influencia e poderio, ao mesmo tempo que apregoavam todo o seu amor pela paz entre os povos.

Salientam-se nos protestos contra a guerra os pequenos burgueses. E' o espectro das consequências económicas do conflito, que principalmente os aterra contribuindo também—queremos acreditar—para a revolta que sentem, a natural repulsa pela carnificina que, tudo faz prever, será enorme. Mas estes pequenos burgueses são os mesmos que aprovam os armamentos quando os lucros lhes tocam pela porta. São os mesmos que se insurgem agora contra os políticos que, levados pelas circunstâncias que todos prepararam se lançam na guerra para satisfação das ambições de caracter politico que todos os grandes acontecimentos sociais comportam; e são eles que clamavam contra os verdadeiros amigos da paz, os anti-militaristas, que procuram evitar as guerras pelo unico meio possível de as evitar.

O que move a burguesia con

tra os anti-militaristas, durante a paz, é o que a move contra os militaristas com a guerra desencadeada: é o receio das consequências económicas da acção de uns e outros. E' que, por detraz do anti-militarismo, a burguesia sabe que está o anti-capitalismo, o combate aos privilegios burgueses. O que a burguesia desejava era o progresso constante das suas riquezas, sem o perigo da guerra exterior e sem o da revolta no interior. A burguesia desejava o impossível; por isso se enganou e, pagando o erro cometido, tem que desaparecer. O regimen burguez faliu lamentavelmente.

Durante muitos anos dispoz de tudo o que a intelligencia, o saber e a audacia dos homens conquistara de belo e de util. Os inúmeros progressos realizados em todos os campos da actividade humana, foram monopolizados pelos dirigentes e potentados da sociedade burguesa. E com tudo isso, com todos os factores de progresso e de bem estar-estar geral nas mãos, realizaram esta monstruosidade: uma lucta horrorosa, entre todos os povos, da qual pode resultar um recuo tão grande na obra da civilização, apesar de tudo realizada, que possa considerar-se com a sua propria perda. Os explosivos inventados, a navegação aerea e submarina, grande parte da energia electrica e das descobertas na mecanica, tem sido consagradas exclusivamente á arte da guerra, despresando-se as mil applicações que, para bem de todos, poderiam derivar dos progressos realizados. Todo esse trabalho da intelligencia e da energia dos homens, foi utilizado para a carnificina, para o massacre, para a devastação.

A consequencia do regimen burgues foi esta porque todos os esforços realizados, donde deveria resultar mais bem estar e mais harmonia, foram sobretudo empregados, por diversos modos, para manter e intensificar a exploração capitalista, a tirania do rico sobre o pobre, os privilegios de uma infame minoria de improditivos, estadeando-se em face da miséria, cada vez maior, soffrida pela imensa maioria dos que produzem.

A tremenda catastrophe que se está desenrolando é o digno fecho, a coroação da obra nefasta de opressão e de imprevidencia da sociedade burguesa, cujo egoísmo lhe não deixava ver o abismo que a esperava. Ella é vitima da sua propria obra. Mas não é, infelizmente, a burguesia a unica, nem sequer a vitima que mais sofre com os efeitos proximos da guerra. E' o proletariado ainda—quem mais vai sofrer. Mas o proletariado saberá encarar a situação com sangue frio, para melhor se defender, não se deixando expoliar pela ganancia comercial que, no meio de tanto desastre, em vez de adormecer, mais vigilante se manifesta, para açambarcar e agiotar, agravando a miséria dos que já tão miseravel existencia passam. Saberá defender-se destes perigos imediatos e não perderá de vista a significação económica e politica da guerra actual.

O mundo está cheio de grandiosas realisações, no campo das sciencias, das industrias e das artes; a capacidade produtora dos homens atingiu um grau que permite esperar um acrescimo constante de descobertas e aperfeiçoamentos. E tudo isto, que representa a garantia da felicidade ha de

Os efeitos duma guerra

Num artigo sobre a Crise económica italiana, publicado no Secolo, de Milão, em 4 de julho passado, o escritor burguez Atilio Cabiati reconhece que a dita crise se tornou crónica.

São uma infinidade as instituições de crédito, sobretudo das mais populares, arrastadas a uma irreparável ruina, naufragadas na falência e na vergonha, por causa da crise provocada pela guerra italo-turca e pela conquista da Tripolitânia. Cabiati cita vinte das mais importantes dessas instituições falidas, que são, porém, muito mais numerosas, tudo no decorrer de um ano!

A actividade económica de todas as mais importantes indústrias de 1911 sofre uma diminuição progressiva e precipitada, especialmente das indústrias algodoeiras, séricas e metalúrgicas; não se